impróprio para a respiração. As ruas são inseguras. E há sempre a bomba — a probabilidade de um acidente, se não de uma guerra nuclear."

O trabalho de Charles Lindblom proporciona leitura agradável e de extrema utilidade para economistas, sociólogos, jornalistas e outros profissionais preocupados com a organização da sociedade. A lamentar apenas os *cochilos* do tradutor e/ou revisor, deixando uma ou outra frase inteligível, e a falta de um índice remissivo, que sempre acompanha as edições norte-americanas □

Antonio Nilson Quezado Cavalcante

Como prever falências

Por Stephen Charles Kanitz. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978. 176p., il.

O autor deste livro é professor da Universidade de São Paulo e tem uma invejável bagagem econômico-administrativa, tanto em conhecimento teórico quanto prático. Assim, não é de surpreender a ninguém a pequena obra-prima que ele criou com este volume aparentemente despretensioso: *Como prever falências*. Um velho conhecido meu, vendedor com mais de 40 anos de experiência, cunhou a frase "há um cheiro de falência no ar", quando se referia a certas firmas, e o faro dele era real. Baseava-se em dados, como estoques de matéria-prima (baixos), atrasos nos pagamentos aos fornecedores, operários com atraso nos pagamentos, proibição de horas extras, aspecto formal e humano do escritório, etc. A quantificação desse faro de vendedor foi realizada por Kanitz.

A primeira surpresa agradável do livro é o fato de o autor ter reconhecido que nem todos os ramos de negócio são regidos pelos mesmos indicadores do "cheiro de carniça" da falência. Brilhantemente, mostra que nos bancos o lucro é um bom índice. O livro é dividido em cinco capítulos:

1. Como prever falências
2. É possível prever falências?
3. Como calcular os índices
4. Os resultados índice por índice
5. Conclusões.

Os métodos empregados pelo autor na avaliação do potencial de solvência ou insolvência baseiam-se em estudo simultâneo e paralelo de índices. Num trabalho heróico, o autor digeriu mais de 500 índices da literatura especializada (que é muito resumida na pequena bibliografia) para escolher uns 50 aproximadamente. Não encontro na bibliografia as literaturas francesa e alemã de índices, ambas férteis e indubitavelmente originais, mesmo com eventual duplicação parcial da norte-americana. O autor submete esses índices à prova de aplicação a empresas falidas e não-falidas. O estudo é feito com perfeito sentido estatístico, dentro da mais clara metodologia científica, e as conclusões são razoáveis e claras.

O autor parte do princípio de que balanços são *enfeitados* e, às vezes, adulterados. A novidade é que ele demonstra estatisticamente o *enfeite* de balanço (*window-dressing*). Permito-me juntar aqui duas observações práticas. Nem sempre adulteração e *enfeite* resultam da vontade de mostrar uma boa situação. De fato — de acordo com o embaixador Roberto Campos, em dois artigos publicados no *Estado de São Paulo* — a Petrobrás usava o expediente de não reavaliar o ativo para diminuir a depreciação e aumentar os lucros, pois funcionários e diretores tinham e têm participação nos lucros da empresa.[1]

O que não poderá acontecer, portanto, aos bons princípios contábeis, se houver interesse de contadores em aumentar o lucro da empresa e, conseqüentemente, também "o deles"?

Um outro caso de *window-dressing* foi descoberto pelo resenhista no significativamente lucrativo balanço de uma das grandes empresas químicas na Bolsa de São Paulo. A empresa, trabalhando 24 por dia, num ramo altamente corrosivo, depreciava tão-somente em 10% suas instalações. Quanto aos seus edifícios, não depreciava em quase nada a necessidade permanente de sua manutenção por motivo de umidade e fumaças corrosivas.

Finalmente, um fator inconsciente pode influir na reduzida confiabilidade dos balanços. É o fato de muitos contadores, na década de 1960, terem apenas formação secundária, em cursos na maioria das vezes fracos e sem atrativos para bons alunos. Um exemplo de tal afirmação é o estranho balanço lucrativo, apreciado pelo resenhista, em que a empresa não depreciava, havia alguns anos, pois o contador dizia que "não tinha tempo". Era falta de capacidade mesmo e não vontade de mostrar um lucro inexistente, pois o resenhista, ao analisar a declaração de imposto de renda do presidente da empresa (diversas fábricas em todo Brasil, no ramo de materiais de construção), encontrou completa falta de aproveitamento dos descontos legais e até do fundo 157. E esta declaração tinha sido preparada pelo mesmo contador.

O autor dedica a maior parte do livro a um estudo índice por índice, sendo que alguns são importantes para o estudo de procedimentos para *evitar* e não só *prever* falências. O autor dá seus conselhos liberalmente e quem não quiser ouvir, lembrando o velho provérbio alemão "wer nicht hören will muss fühlen", sentirá as conseqüências.

A apresentação gráfica do livro é muito boa, impressão nítida e as tabelas de apuração estatística bem compostas. Os quadros são perfeitamente claros e de fácil leitura. A clareza de exposição dos índices torna o livro acessível ao uso de muitas empresas, sem maior treinamento dos técnicos de contabilidade. Combinando a análise horizontal dos índices com sua pesquisa dentro do último ano, terão o administrador de empresas, o gerente da seção de crédito e cobrança, o capitalista e o banqueiro o instrumento para não só prever falências, mas também adotar sucessivas providências no sentido de evitar casos como, por exemplo, dos Fogões Wallig, cuja situação atual, de acordo com a revista *Exame*, de 27 de fevereiro de 1980, foi resultante de erros acumulados durante muitos anos, com evidente reflexo no balanço consolidado.

Finalmente, o autor conseguiu alertar tecnicamente os bancos, despertando-os para o problema, o que é um grande feito. Permito-me acrescentar mais um índice: índice de nudez período médio de pagamento a fornecedores, período médio de recebimento de freguesses. Este índice, abaixo de 1, mostra falta de cobertura, portanto *nudez*, para não confundir com outros índices.

Mais uma vez, parabéns ao autor, por um livro que deve fazer parte de toda biblioteca de empresa e estar presente na mesa do diretor financeiro, na de crédito e cobrança e na do tesoureiro. Nas escolas superiores, é essencial em administração e análise financeira □.

Kurt Ernst Weil

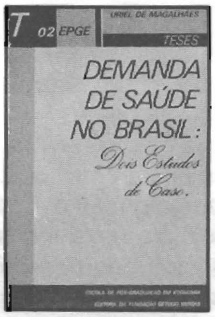
1 Campos, Roberto. O Panorama visto de fora. *O Estado de São Paulo*, 20 de fevereiro de 1968 e 12 de março de 1968.

ESTÃO SAINDO AS TESES DA E.P.G.E.

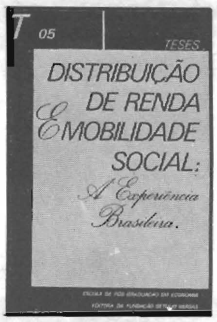
Aí estão os três primeiros títulos da série. Veja e compre nas livrarias da FGV: Rio - Pr. de Botafogo, 188 e Av. Graça Aranha, 26 - lojas C e H; São Paulo - Av. Nove de Julho, 2029; Brasília - CLS. 104, Bloco A, loja 37. Ou peça pelo Reembolso Postal à Caixa Postal 9.052, CEP 20.000, Rio de Janeiro, RJ.



162 pág. -



104 pág. -



104 pág. -